



ALFALETRAR: UMA PROPOSTA CONJUNTA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

DOI: 10.48075/ri.v26i2.33932

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho¹
Elisângela Maria da Silva²

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos colocar em destaque a sugestão de ação pedagógica apresentada por Magda Soares, na obra *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Isso porque, com foco na aprendizagem da escrita, da leitura e da produção de textos, a autora sugere uma interessante proposta de ensino com metas integradas e atividades articuladas de alfabetização e letramento que levam a criança à aquisição e ao aprimoramento de habilidades e competências de leitura, interpretação e produção de textos durante o ciclo de alfabetização e letramento. A partir de uma revisão bibliográfica da obra, interessa-nos refletir acerca da teoria que embasa a proposta e, de modo especial, a noção de representação colocada pela autora. Diante do que é apresentado, observamos que para dar conta da proposta conjunta de alfabetização e letramento, Soares articula diferentes teorias de alfabetização e linguística, que divergem quanto ao conceito de representação, mas que não impede de *Alfaletrar* se apresentar como uma proposta efetiva de alfabetização e letramento com foco no ensino em função da aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino; Alfabetização; Letramento.

ALFALETRAR: A JOINT LITERACY AND LITERACY SKILLS PROPOSAL

ABSTRACT: In this article, we intend to highlight the suggestions for pedagogical action put forward by Magda Soares in her book *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. This is because, with a focus on learning to write, read and produce texts, the author suggests an interesting teaching proposal with integrated goals and articulated literacy and literacy activities that lead children to acquire and improve skills and competences in reading, interpreting and producing texts during the literacy and literacy skills cycle. Based on a bibliographical review of the work, we are interested in reflecting on the theory that underpins the proposal and, in particular, the notion of representation put forward by the author. In the light of what is presented, we can see that in order to deal with the joint literacy and literacy skills proposal, Soares articulates different literacy and linguistic theories, which differ in terms of the concept of representation, but this doesn't prevent *Alfaletrar* from presenting itself as an effective literacy and literacy proposal with a focus on teaching as a function of learning.

Keywords: Teaching; Literacy; Literacy skills.

¹ Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem (UNICAP). Graduada em Letras, Professora da Rede Pública de Ensino em Pernambuco. E-mail: magdapcarvalho@hotmail.com.

² Doutora e Mestre Ciências da Linguagem (UNICAP). Graduada em Letras, Coordenadora Educacional na Rede Municipal de Ensino de Ipojuca/PE. E-mail: elisangelasilva1718@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Iniciamos este texto destacando que durante muito tempo duas tendências foram predominantes nos trabalhos de alfabetização no Brasil. De um lado, a Psicologia do Desenvolvimento e do outro a Psicologia Cognitiva, em que a primeira considera a progressão da criança diante do sistema de representação alfabético e a segunda as operações mentais que levam a criança a essa compreensão.

Nesse sentido, um movimento de alfabetização influenciado e referenciado pela Psicologia, focalizado na maturação psicológica da criança e nos processos mentais, foi o que respaldou por muito tempo o ensino da leitura e da escrita e, em algumas práticas pedagógicas, ainda é. E embora seja incontestável a importância tanto da Psicologia do Desenvolvimento quanto da Psicologia Cognitiva no processo de alfabetização, com o surgimento de propostas voltadas para o letramento, isto é, para o ensino a partir da compreensão da linguagem como prática social, as propostas que consideram a alfabetização como um processo que ocorre (somente) pela aprendizagem do sistema alfabético e restringem-se à codificação e decodificação da língua não são suficientes ou satisfatórias para formar leitores e produtores de texto, uma vez que algumas crianças e jovens, mesmo no percurso de escolarização e depois de alfabetizados, apresentam dificuldades para atender a certas situações de leitura e de escrita do cotidiano.

É a partir dessa realidade que se compreende a importância de ações de alfabetização aliadas ao letramento, quer dizer, é necessário que o ensino da escrita e da leitura esteja relacionado às práticas sociais de uso da linguagem desde os anos iniciais da escolarização. E embora tenhamos total consciência de que o tema “alfabetização” não seja novo entre professores, pesquisadores e linguistas, considerando as demandas de melhora dos índices de alfabetização e da qualidade de práticas pedagógicas, entendemos que se faz necessário colocar em evidência propostas de alfabetização e/ou letramento que tenham efetiva funcionalidade no espaço de ensino. Por isso, nosso interesse em colocar em relevo a proposta de Magda Soares, na obra *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Isso visto que o plano de uma ação educativa focalizada na aprendizagem conjunta do sistema alfabético de escrita e de seus usos para a leitura e a produção de textos, por unir dois processos distintos de ensino, apresenta-se como um projeto que possibilita a

aprendizagem do sistema alfabético e, também, a otimização das habilidades de leitura, interpretação e produção.

No que se refere ao processo de alfabetização, Soares diz que a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora independente do significado e que pode ser segmentada em pequenas unidades representadas, visualmente, pelas letras. Assim, para apropriar-se do sistema de escrita alfabético, conforme a autora, a criança deve aprender “a associar significantes a significados (ler) e a representar significados com significantes (escrever)” (Soares, 2021, p. 43). Tal afirmação remete-nos à teoria saussuriana de signo linguístico, que considera o signo como a associação entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), sendo, essa última, a impressão psíquica do som; e o primeiro, a ideia que é atribuída a essa imagem acústica.

Em vista dessa referência ao signo linguístico saussuriano, entendemos que se faz necessário ressaltar que “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (Saussure, 2006, p. 79-80), não de representação. Isso posto, convém ter em mente que a escrita, a partir da perspectiva saussuriana, não deve ser entendida como a ação de grafar os sons da cadeia sonora para representar a fala, mas como o registro da associação entre a palavra e o seu som. Em vista disso, logo no início da entrada na escrita, é preciso que a criança seja orientada a escrever as palavras sabendo o que elas significam. Pois, se o significante é a impressão psíquica do som e está, conforme Saussure, associado ao significado que é o conceito, ou melhor, que é a imagem psíquica da coisa a qual nos referimos, a criança deve ter clareza a respeito do que ela está escrevendo, do contrário, qualquer sequência desconexa de letras pode ser considerada um significante, mesmo que seja impossível de ser sonorizada.

A partir desse nosso entendimento e da relevância da proposta de Alfalettrar, dois pontos da obra nos inquietam. O primeiro diz respeito à teoria que fundamenta essa proposta e, o segundo, à noção de representação colocada por Soares. Isso porque, ao afirmar que a criança deve aprender a representar significados com significantes, parece haver um equívoco a respeito do emprego do termo representação se considerarmos a referência feita aos termos do signo saussuriano.

É importante deixar claro que nosso propósito aqui não é buscar originalidade ou apresentar um conjunto novo de dados, nem mesmo relato de proposta atual, inovadora ou

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 26, n. 2, 2024. e-ISSN: 1982-3010.](#)

diferenciada das ações defendidas por Magda Soares, mas o de pensar acerca das teorias que embasam a proposta de alfalettrar, uma vez que durante toda formação acadêmica somos advertidos sobre a importância de deixar clara qual teoria fundamenta nossas práticas. Em vista disso, a partir de um estudo bibliográfico da obra, pretendemos refletir acerca da teoria que fundamenta a proposta de alfalettrar, colocando em destaque a noção de representação. Antes, porém, é importante ressaltar as principais ideias da obra.

O ENSINO COM MÉTODO E O TEXTO COMO EIXO CENTRAL

Na obra *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* (2021), Soares propõe uma ação de ensino que prioriza as habilidades de leitura, interpretação e produção de texto e que possibilita a aprendizagem da leitura e da escrita, pela criança, em contextos de uso da língua. Convém destacar que não se trata de um método de ensino, “mas uma orientação para ensinar com método” (Soares, 2021, p. 112), isto é, uma orientação para ensinar a criança a ler e a escrever a partir de objetivos bem definidos de alfabetização e de letramento, que a levarão a se tornar alfabetizada, leitora e produtora de textos.

Sobre as primeiras escritas, a autora mostra que, inicialmente, a criança desenha supondo que está escrevendo e que por meio de uma ação pedagógica bem planejada e estruturada, com metas de continuidade e de integração claramente definidas, ela começa a escrever com letras e a compreender o funcionamento da escrita. No entanto, para chegar até a escrita propriamente dita, conforme a autora, a criança passa por fases do ciclo de alfabetização que consistem na escrita de garatujas, escrita com letras, escrita silábica sem valor sonoro, escrita silábica com valor sonoro, escrita silábico-alfabética, escrita alfabética e, finalmente, escrita ortográfica.

Nesse ciclo, a criança também passa por um processo de reconhecimento sonoro, isto é, no ciclo de alfabetização, a criança compreende, identifica e relaciona o som à forma gráfica da letra. De início, ela reconhece a relação entre o som e a palavra escrita – consciência lexical; em seguida, a criança compreende e consegue segmentar o som das sílabas que compõem as palavras – consciência silábica – e, depois disso, ela consegue identificar os sons das letras de cada palavra – consciência fonêmica.

No entanto, para chegar, com sucesso, à última etapa do ciclo de alfabetização, é necessário que a criança participe de atividades que possibilitem a reflexão entre a grafia e a sonorização das palavras. E apesar disso, é possível que ela cometa equívocos no que diz respeito à grafia. O que, de acordo com o Alfaetrar, poderá ser resolvido por meio de um trabalho contínuo de orientação acerca das particularidades e arbitrariedades existentes entre a grafia e a sonorização de algumas palavras.

No que diz respeito ao letramento, mais especificamente à leitura e à produção textual, o destaque é para a importância do texto nas atividades de sala de aula, especialmente atividades que envolvam leitura e compreensão. Isso porque, de acordo com a autora, à medida que a criança se apropria do sistema de escrita alfabética, ela vai construindo ou ampliando o conceito de texto e, por consequência, começa a ter noção das práticas de letramento. Por isso, no momento da escolha de um determinado texto para leitura e interpretação de crianças, no início do processo de alfabetização e letramento, é importante ter em conta o nível de complexidade do texto.

Nesse sentido, a proposta de texto como centro do ensino da escrita e da leitura, mesmo que a criança ainda não tenha alcançado as habilidades necessárias para ser considerada leitora, no sentido estrito do termo, requer que a ela sejam dadas oportunidades de refletir sobre o texto, o que pode ser feito por meio de uma leitura mediada, em que o professor, ou quem desempenhe o papel de mediador, leia o texto e lance questões para verificar o que a criança compreendeu. Trata-se do desenvolvimento sistemático de estratégias de compreensão e interpretação.

No que se refere à produção de textos, Soares explica que escrever e produzir textos são atividades diferentes, sendo o primeiro termo usado para fazer referência à resolução de atividades escolares voltadas para a aprendizagem, enquanto o segundo refere-se às situações de escrita que envolvem interação entre interlocutores, com um propósito comunicativo. Nesse sentido, na perspectiva do alfaetrar, a criança aprende a produzir textos com base em situações de interação, tendo o que escrever e para quem escrever, embora as atividades de escrita sejam necessárias para que a criança amplie seu repertório e possa, mais tarde, produzir seus textos com autonomia.

Um dos pontos destacados pela autora acerca da produção textual da criança é que, no final do ciclo de alfabetização e letramento, quando ela já escreve ortograficamente, é possível observar as dificuldades que algumas crianças apresentam no que compete à

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 26, n. 2, 2024. e-ISSN: 1982-3010.](#)

regras de ortografia, sinais gráficos de pontuação, paragrafação e questões de coerência, o que convoca um trabalho conjunto de alfabetização e letramento, a partir de um planejamento de ensino e aprendizagem que contemple tanto objetivos do processo de alfabetização quanto de letramento, com metas coerentes e alinhadas que assegurem “a continuidade na aprendizagem das crianças e o trabalho dos professores” (Soares, 2021, p. 293). O que requer a aplicação não de avaliação de desempenho e classificação, mas diagnósticos cujos resultados permitem ao professor acompanhar, orientar e realizar ações de intervenção para que a criança avance na leitura, compreensão e produção de textos.

Conforme se pode notar, a proposta de ensinar com método, a partir do texto, deixa claro que uma ação pedagógica, com metas e planejamento consistente, pode levar a criança à aquisição de habilidades e conhecimentos de escrita, leitura, compreensão e produção de textos, tornando-a alfabetizada, leitora e produtora de texto.

TEORIA QUE FUNDAMENTA O ALFALETRAR E A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO

Com base no que foi colocado no item anterior, podemos dizer que a proposta de alfalettrar contrapõe-se à ideia presente nas práticas de ensino que entendem a alfabetização como a aprendizagem de um código que visa decodificar (ensinar a ler) e codificar (ensinar a escrever).

No entanto, ao afirmar que a alfabetização consiste na “aprendizagem de um *sistema de representação*, em que os signos (grafemas) *representam*, não codificam, os sons da fala (os fonemas)” (Soares, 2021, p. 11, grifos da autora) e que, inserida em práticas de escrita, “a criança vai progressivamente compreendendo a escrita alfabética como um sistema de representação dos sons da língua (os fonemas) por letras” (Soares, 2021, p. 51), a autora parece manter uma proposta filiada a teorias que compreendem a alfabetização como decodificação e codificação. Por outro lado, ao discorrer sobre letramento, Soares afirma que as crianças precisam conviver desde cedo com material escrito, “copiando o que fazem os adultos ou fazendo o que os adultos as induzem a fazer: passando páginas, observando ilustrações e aos poucos revelando interesse” (Soares, 2021, p. 230).

Diante da compreensão da escrita como representação da fala e de que, para escrever, a criança precisa imitar o adulto, a questão que nos interroga diz respeito aos

pressupostos teóricos que embasam a proposta de alfalettrar e, de modo especial, a noção de representação presente nessa proposta.

A resposta à primeira parte de nossa questão nos é dada pela autora quando trata acerca do planejamento no processo de alfabetização e letramento e sobre ensinar com método. Soares afirma que sua proposta está fundamentada em uma concepção de aprendizagem da escrita que articula princípios “da Psicogênese da escrita, da Psicologia do Desenvolvimento cognitivo e linguístico, da Psicologia cognitiva, das ciências da linguagem, sobretudo a Psicolinguística, a Fonologia e a Linguística Textual” (Soares, 2021, p. 285). Diante disso, fica claro que Alfalettrar não está fundamentada em uma única proposta e que, devido a isso, o termo “representação” aparece no sentido que é atribuído pelas teorias racionalistas, isto é, como próprio de toda atividade psíquica.

Nesse ponto, apesar de reconhecermos que o campo da alfabetização é fortemente marcado por teorias que atribuem à escrita o estatuto de representação, como a psicologia do desenvolvimento e a cognitiva, por exemplo, que consideram a aprendizagem da escrita como fruto “da construção conceitual das relações de representação, que se daria como efeito de situações de ensino-aprendizagem facilitadoras das operações cognitivas necessárias para tal fim” (Borges, 2010, p. 83), entendemos que ao lançar mão de um projeto que visa, ao mesmo tempo, alfabetizar e letrar, Soares tira a escrita da posição de representação da linguagem oral e possibilita pensar a alfabetização como um fato de linguagem, além, também, de deixar de lado a ideia de classificação e/ou categorização da criança em fases do desenvolvimento.

Assim, se pudermos falar em alfabetização a partir de uma nova perspectiva, diríamos que “alfalettrar” consiste em uma proposta que mantém certa distância das teorias psicológicas de alfabetização para aproximar-se mais de teorias linguísticas. Aqui, é possível pensar que Alfalettrar mantém aproximação com o estruturalismo linguístico, isso porque ao afirmar que a criança apropria-se do sistema de escrita “aprendendo a associar significantes a significados (ler) e a representar significados com significantes (escrever)” (Soares, 2021, p. 43), como destacado no item anterior, para explicar a aprendizagem da escrita e da leitura pela criança, Soares coloca essas duas atividades (leitura e escrita) numa relação de constituição mútua e não de representação, o que tira a escrita da posição de materialização gráfica da fala.

Diante disso, é importante realçar que levar em consideração o estruturalismo linguístico, no campo das investigações sobre a escrita, tem três efeitos, a saber,

tira a escrita da posição subalterna de representação da linguagem oral em que “sempre” foi colocada [...]; em segundo lugar, permite que se perceba o reducionismo dos estudos que objetivando a descrição das especificidades da escrita, colocam exclusivamente na materialidade gráfica a fonte de sua diferença; além disso, possibilita/força o deslocamento das investigações, na área, do campo da psicologia para o seu campo próprio, que é o da linguística. (Borges, 2010, p. 105)

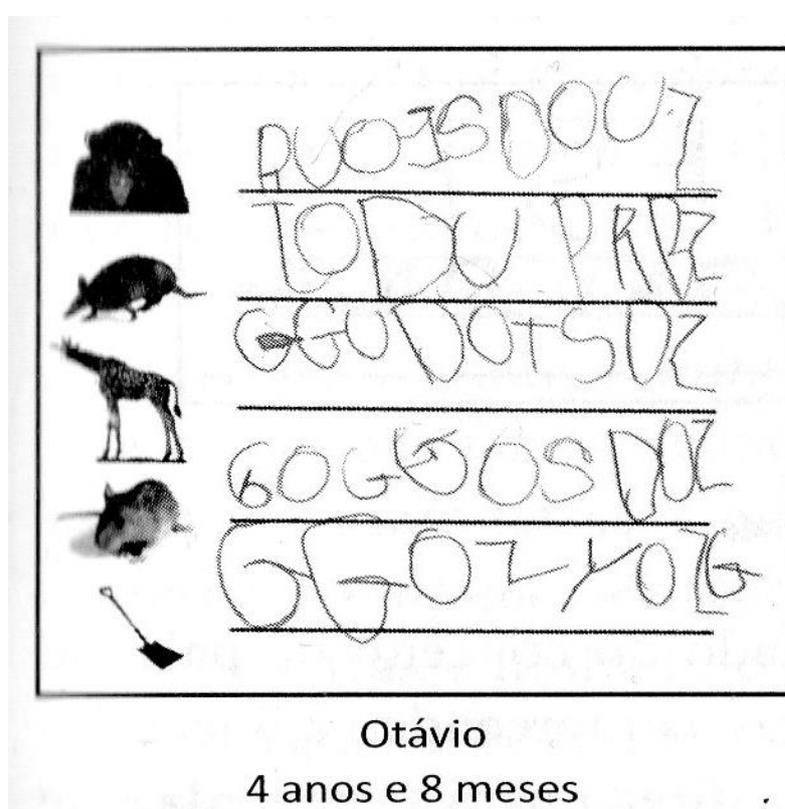
Nesse sentido, é possível pensar que ao explicar a apropriação da escrita como uma associação entre significados e significantes, Soares reconhece a inscrição do processo de alfabetização no campo da linguística e abre espaço para que a alfabetização seja compreendida como um processo que vai além da concepção representacionista. Com isso, a proposta de alfalettrar distancia-se das teorias psicológicas de alfabetização e aproxima-se de teorias da linguagem que compreendem a aquisição da escrita como processo linguístico, em que “a imersão em textos promove ou é determinante do processo de aquisição da escrita” (Borges, 2006, p. 149). Em outras palavras, ao dizer que o contato da criança com variados textos permite que ela compreenda como se dá a escrita, Soares parece aproximar-se de teorias como o interacionismo brasileiro, por exemplo, que entende que o acesso da criança à escrita e, por conseguinte, à leitura requer que ela circule pela variedade de textos.

Convém abrimos um parêntese para esclarecer que o interacionismo brasileiro é uma proposta teórica formulada pela estudiosa brasileira Cláudia de Lemos, no campo da aquisição de linguagem, com destaque para a fala inicial da criança. Entretanto, os desdobramentos dessa teoria, na investigação da aquisição da escrita, devem-se, principalmente, aos trabalhos de Sônia Borges e Zelma Bosco, que compreendem o contato com textos escritos de natureza diversa como fundamentais para a aquisição da escrita. Nessa perspectiva teórica, as primeiras manifestações da escrita da criança são reconhecidas como um fenômeno linguístico, que, além de dar a ver a língua em movimento, permite observar a criança como protagonista da mudança de posição de não-escrevente e não-leitora para escrevente e leitora. Havendo, portanto, um distanciamento da noção de desenvolvimento e também da noção de escrita como representação da linguagem oral.

No que diz respeito à noção de representação, o interacionismo brasileiro compreende, que o acesso da criança implica representações, não a escrita como figuração da linguagem oral, mas “simulacros, semblantes imaginários e simbólicos construídos pelos

discursos” (Borges, 2010, p. 97). Em outras palavras, as situações de leitura e de escrita de textos, como sugerido na proposta de alfaletar, permitem que a criança reproduza representações simbólicas da língua, pois “imersa em textos, colocada em situações de leitura e de escrita de textos, a criança representa a língua escrita” (Borges, 2010, p. 97), como é possível observar nos exemplos apresentados por Soares, e reproduzidos a seguir, das produções escritas de Otávio, Isabel e Aquiles. Vejamos:

Figura 1 – Exemplo de escrita com letras



Fonte: Soares (2021, p. 65)

Figura 2 – Exemplo de escrita com letras

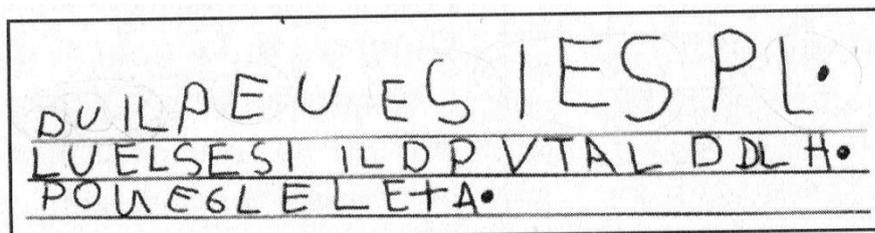


Isabel

4 anos e 8 meses

Fonte: Soares (2021, p. 65)

Figura 3 – Exemplo de escrita com letras



Aquiles

5 anos e 2 meses

Fonte: Soares (2021, p. 66)

Nesses textos, é possível observar que as crianças, entre quatro e cinco anos, já escrevem com letras do alfabeto e embora as atividades não solicitem que elas produzam textos, mas que escrevam os nomes das figuras impressas, as letras escritas aparecem linearmente como em frases da língua constituída, o que nos leva a compreender que essas crianças já possuem um entendimento acerca do funcionamento da linguagem escrita. No texto de Aquiles, é interessante observar o aparecimento das letras que compõem o seu

nome. Isso em razão de que independente dos espaços entre os grupos de letras, da linearidade e da direção da escrita, notados por Soares, em todas as linhas aparecem letras de seu nome.

Outro fato interessante diz respeito à frequência com que as letras se repetem, sendo a letra “A” a única que aparece somente duas vezes, embora seja uma das primeiras letras que as crianças costumam aprender e, também, por ser a letra inicial do nome dessa criança. A emergência das letras do nome da criança, nessa produção escrita, remete-nos mais uma vez às discussões do interacionismo brasileiro, quando Bosco (2009) afirma que as letras do nome são as primeiras que surgem na escrita inicial infantil e permitem que a criança se reconheça e seja reconhecida como escrevente. E é, justamente, a relação da criança com textos escritos que possibilita o destaque de letras que aparecem em seu texto e ressignificam sua escrita.

Nesse sentido, as letras do nome não são representações, mas imitações/simulacros de textos que circulam em sala de aula, o que reforça nosso entendimento de que a proposta de Alfalettrar distancia-se, de certa forma, de teorias psicológicas de alfabetização e aproxima-se de teorias linguísticas de aquisição da escrita, que compreendem a necessidade de a criança ser colocada em situações de escrita e de leitura que representem a língua escrita, em razão de que “escrever, para a criança, é essencialmente uma atividade de imitação das representações do que é ‘possível’ na escrita” (Borges, 2006, p. 98). E isso é reconhecido por Soares quando diz que “a criança *imita* o que as pessoas *fazem* quando escrevem: usam letras” (Soares, 2021, p. 67, grifos da autora).

Em vista disso, ao levarmos em consideração as teorias de alfabetização articuladas em Alfalettrar e ainda o entendimento da autora de que para aprender a produzir textos é necessário que a criança seja colocada em situações de interação com textos, entendemos que a proposta conjunta de alfabetização e letramento mantém aproximação tanto com teorias psicológicas de alfabetização quanto de teorias linguísticas, o que nos leva a entender que uma proposta efetiva de alfabetização não precisa estar “presa” a uma ou outra teoria, mas pode transitar entre várias, pois o que importa é a sua funcionalidade em sala de aula com vistas a resultados satisfatórios de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o que nos é apresentado por Soares em seu projeto pedagógico de ação conjunta de alfabetização e letramento, entendemos que a obra “Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever” apresenta-se como uma proposta eficiente para o campo da alfabetização, visto que o ensino conjunto de alfabetização e letramento é possível desde o início da entrada da criança na escola.

No entanto, o que Soares nos apresenta não é um método de ensino, mas uma ação pedagógica com foco na aprendizagem da escrita, leitura e produção de texto, fundamentada em diferentes teorias. Nesse sentido, Alfalettrar orienta o professor a trabalhar com método, a partir de metas de continuidade e integração que permitem a esse profissional considerar a forma como a criança aprende o sistema alfabético e seus usos para, a partir disso, acompanhar, mobilizar, orientar e intervir na aprendizagem. Convém ressaltar que, nessa perspectiva, embora os processos de alfabetização e letramento não sejam os mesmos e demandem diferentes procedimentos de ensino, o texto é o ponto de convergência que vai possibilitar a articulação entre a alfabetização e o letramento de forma interdependente, visto ser esse o objeto de práticas sociais e linguísticas a que a criança tem acesso desde cedo na vida em sociedade. Por isso, no Alfalettrar, o texto é tomado como eixo central das atividades, não só pela possibilidade de representar a finalidade da aprendizagem da escrita, mas também por permitir à criança a apropriação do sistema alfabético, a aquisição e aprimoramento das habilidades de leitura, interpretação e produção escrita.

O que encontramos como resposta a nossa inquietação foi que Alfalettrar articula um conjunto de teorias voltadas para o campo da alfabetização e da linguística, o que justifica sua aproximação de teorias que divergem quanto à noção de representação, sendo a representação para as abordagens psicológicas de alfabetização como o que está relacionado aos processos cognitivos, com estatuto de imagem, quando se considera a escrita como representação da fala, enquanto as teorias linguísticas, que investigam a aquisição da escrita pela criança, e mantém proximidade com o Alfalettrar como o interacionismo brasileiro, compreendem o termo representação como a reconstituição

simbólica de situações reais de escrita, leitura e produção de textos e são determinantes para o processo de aquisição da escrita e da leitura pela criança.

Para finalizar, é preciso dizer que admitimos o fato de que nossas reflexões aqui não são inéditas, mas entendemos que para além do ineditismo ou ausência de contraposição de novos dados aos apresentados na obra em questão, como professoras que atuam na educação básica, somos constantemente exigidas a aplicar práticas e metodologias de ensino que “gerem” resultados positivos, o que nos faz buscar diferentes propostas e estratégias, foi por isso que ao nos depararmos com Alfalettar alguns pontos teóricos que embasam a proposta nos inquietaram e nos fizeram refletir a respeito. Entendemos que a proposição de um trabalho conjunto de alfabetização e letramento é desafiador e por isso a necessidade de articulação de diferentes perspectivas teóricas para dar conta do processo de aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS

BORGES, S. *Psicanálise, linguística, linguística*. São Paulo: Escuta, 2010.

BORGES, S. X. A. A aquisição da escrita como processo linguístico. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Org.). *Aquisição, patologias e clínica da linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 149-159.

BOSCO, Z. R. *A criança na linguagem: a fala, o desenho e a escrita*. São Paulo: Cefiel/IEL/UNICAMP, 2005.

BOSCO, Z. R. *A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, M. *Alfalettar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, 1.e.d. São Paulo: Contexto, 2021.

Recebido em 07 de agosto de 2024.

Aprovado em 05 de setembro de 2024.

